



Caiçara (Magia negra de Cavalcanti)

Cinema

Necessitam-se artezãos

Quais são os resultados de dois anos de trabalho do novo cinema brasileiro? A resposta mais simples e espontânea seria esta: mínimos e modestíssimos. Num meio tempo nasceram muitas sociedades cinematográficas, muitas idéias, um número infundável de projetos — mas poucos filmes. Em compensação não se contam as polêmicas. Enquanto a “Maristela” está reorganizando os seus programas, firmemente decidida a prosseguir suas atividades, uma notícia nos informa que “o cineasta Alberto Cavalcanti iniciará, no fim do ano corrente, a montagem de grandes estúdios em São Paulo. Estes estúdios serão construídos num vasto terreno, doado nas imediações de Santo Amaro. Logo que estejam concluídos os trabalhos de montagem, Cavalcanti dará início à produção de filmes de longa metragem, financiados por vários bancos paulistas”. Cavalcanti está ainda colaborando com sua opinião no projeto do “Conselho Nacional de Cinema”. Mas tratemos de desvendar para os leitores de “Habitat” um panorama mais detalhado e preciso da situação passada (um passado assaz recente, aliás, porque parte do novembro de 1949, da criação da “Vera Cruz”) e da situação atual. Em fins de 1949, o diretor de “En rade”, Alberto Cavalcanti, deixava a Europa para assumir a direção e organização da primeira grande firma produtora brasileira de filmes: a “Vera Cruz”. E para esta, realizou dois filmes “Caiçara” (que representou o Brasil no Festival de Cannes) e “Terra sempre terra”. Depois deste último foi encarregado de organizar, por conta do Governo, o tão discutido “Conselho Nacional de Cinema”. Vejamos agora o que é este “Conselho Nacional de Cinema”, aperfeiçoado por Cavalcanti e talvez tornado possível por ele. Numa entrevista concedida a um jornal do Rio, “A Hora”, Cavalcanti explicou-se deste modo:

“O Conselho se preocupará sobretudo em criar um departamento de patentes que permita uma fiscalização efetiva de técnicos, impeça a vinda de novos aventureiros ao Brasil e exerça um controle real sobre as condições de exibição das salas de espetáculo nas capitais e no interior. O povo tem direito a uma boa exibição de filmes pelo dinheiro que paga. Por outro lado a questão de direitos autorais no cinema é um problema que o C. N. C. procurará resolver amplamente. Essa proteção não existe atualmente, podendo qualquer canastrão deturpar o sentido literário de uma obra clássica, e mesmo usar um título famoso só para ganhar publicidade em torno de um mau filme. Não haverá qualquer pressão sobre a produção. Apenas o Conselho se outorga o direito de alertar o povo sobre o que ele vê por meio de categorias de qualidade A, B, e C, que serão afixadas ao certificado de censura, gozando os filmes de melhor qualidade como é natural, um maior número de privilégios no tocante ao pagamento de taxas, concessão de prêmios e exportação para o estrangeiro.”

Outras finalidades do Conselho:

“O Conselho possuirá também um departamento de documentários. Esses documentários, serão feitos ou por iniciativa do C. N. C., com capital que lhe fôr posto à disposição, ou para os vários Ministérios e agências governamentais, por requisição destes. E’ preciso fazer documentários no Brasil com a maior urgência, que possam educar o povo dentro de um sentido humano, dramático, dinâmico. O Brasil simplesmente ignora o que seja um verdadeiro documentário. Esses documentários poderão ser levados aonde quer que haja estradas no Brasil, e com cooperação dos governos estaduais e autoridades municipais. O Conselho terá camionetes próprias para tal.”

“O plano é formidável. Já estou em contacto com meus amigos da Europa para que nós facilitem a aquisição de filmes clássicos para a Cinemateca do Conselho. Essa Cinemateca exercerá um papel importantíssimo na formação de novos técnicos — pois é preciso estar sempre vendo bom cinema — e muito ajudará os cineclubes já existentes no Brasil.”

Em linhas gerais estas declarações podem ser plenamente endossadas. Pensamos, de qualquer modo, porém, que seja um tanto paradoxal a criação de uma nova burocracia para uma exígua fileira de diretores e técnicos. A confirmação disto é: basta correr a lista dos filmes realizados pelas duas maiores produtoras do Brasil desde 1949 até nossos dias. Da “Vera Cruz” saíram três filmes: “Caiçara”, “Terra sempre terra” e “Angela”, produzido e dirigido por Tom Payne e Pereira de Almeida, depois da saída de Cavalcanti. Da “Maristela” saíram dois: “Presença de Anita” e “Suzana e o Presidente”. Atualmente, a única que continua rodando filmes, em ritmo lentíssimo, porém, é a “Vera Cruz” que, abandonando a corrente de “Caiçara” dedica-se a uma produção mais comercial. Cavalcanti, que caminho tomará? A pergunta é legítima. E sua resposta ao diretor francês Clouzot, que publicara na conhecida revista “Match” algumas fotografias tomadas durante sua estadia no Brasil, torna ainda mais legítima a nossa interrogação. Eis o artigo de Cavalcanti: “Clouzot veio ao Brasil e, pode-se mesmo dizer que ele quis fazer o Brasil. Recebi-o em minha casa, em São Bernardo do Campo. Lá, contou-me o argumento do filme que pretendia realizar. Nesse tempo eu era produtor numa companhia de São Paulo o que me possibilitou oferecer-lhe estúdios, técnicos e a quantia que eu próprio tinha à minha disposição para os filmes que eu então produzia e que me pareciam planejados dentro de orçamentos normais. Mas isso não interessava a Henry Clouzot. Ele queria ser o produtor de seu filme brasileiro. Ele me disse: — Exijo que me pague soma idêntica à que me foi oferecida por Hollywood —. Clouzot foi embora. Ao que parece, o tal oferecimento americano não se concretizou. Parece que Clouzot diz nos meios cinematográficos parisienses que ele filmou oito mil metros no Brasil e que nossa censura impediu a saída desse material. O dr. Melo Barreto Filho, chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas, nos informa que nunca filme algum foi vetado antes da exportação, muito menos de Clouzot que nem sequer foi submetido à censura. Naturalmente, não quis exibir a sua incursão no documentário. Mas a censura tem as costas largas! No “Match”, revista muito popular aqui e conhecida como uma das de maior tiragem em todo mundo, Henry Clouzot publicou uma reportagem sobre sua viagem. Esta reportagem chocou o público brasileiro. As fotografias escolhidas e, coisa curiosa, assinadas por Clouzot, que, todo mundo sabe, não é fotógrafo, apresentam um pitoresco de uma violência excessiva. A macumba é apenas um pequeno aspecto da verdadeira fisionomia do Brasil. Se se mostram as práticas de magia negra ou branca tão comuns nas aldeias do coração da Inglaterra, isso não tem importância. Todo mundo conhece a Inglaterra e todos sabem estabelecer a justa proporção dos fatos. Mas mostrar os nossos negros domésticos lambuzados de sangue e praticando rituais africanos como a única coisa vista por ele no Brasil digna de ser mostrada, é uma atitude um tanto esquisita. Por isso venho à presença de “Match” para botar os pontos nos ii. E’ preciso explicar as cousas escolhidas infelizes. Há no Brasil muita gente como eu que não é “patrioteira” e que absolutamente não se importa de que nos mostrem como nós somos. Para nós dá no mesmo que os nossos visitantes nos mostrem como eles vêem. Mas no caso Clou-

zot isso nos aborrece. A nossa sorte é que outros franceses vieram cá antes e depois do sr. Clouzot. Vieram o galante Villegagnon, o delicioso Debret e o "nosso" talentoso Taunay, como eles, muitos outros nos compreenderam. Jamais os esqueceremos. Procuremos esquecer o senhor Clouzot."

Se recordamos bem, o primeiro filme supervisionado por Cavalcanti, "Caçara" mostrava "muito Brasil" com aspectos folclóricos: macumbas, congadas, rezas exóticas e magia negra. A mesma cousa chamou em seguida a atenção de Clouzot, mas em tom mais "realista" e "pessoal". Evidentemente, o diretor Cavalcanti, depois da resposta a Clouzot, não produzirá mais filmes como "Caçara". Qual é seu programa, então? Pensamos não seja somente a falta de técnicos, de diretores a trazer falhas à recente produção brasileira. Se olharmos para o cinema italiano do após guerra, concluímos que o chamado neo-realismo não nasceu ao acaso, mas foi antes construído por longos anos de polémica, de estudo, de trabalho.

O renascimento do cinema italiano atual é devido a fatores de valor e natureza diversos, sociais e artísticos, sobre um terreno preparado antes e durante a guerra por todo um movimento crítico, cultural e por filmes como "Osseessione". Numa entrevista concedida em 1950 à revista "Cinema" na Itália, Cavalcanti declarou a propósito deste cinema: "Agrada-me o que tem de improvisado, de aventureiro, de indisciplinado, porque esta é exatamente uma força vital". Muito bem, no entanto esta força vital não foi improvisação, mas sim fruto de intenso trabalho. As estradas do cinema não são infinitas como as do Senhor: urgem idéias claras, um programa preciso e muitos sacrifícios. Não é com filmes como "Presença de Anita" e "Suzana e o Presidente" (feitos nos moldes de velhos filmes que conseguiam sucesso comercial, aí por 1930) ou "Angela" que se chega à "descoberta" dum país, mas através, como diz Luchino Visconti, de "homens vivos dentro das cousas e não as cousas por si mesmas". O Brasil é São Paulo com edifícios que tocam o céu e é o pequeno país sepultado por distâncias enormes.

Não tem importância, outrossim, que o diretor seja brasileiro. O "Homem do Sul" do grande diretor francês Renoir é um dos poucos filmes verdadeiramente americanos. Isto naturalmente, porque Renoir compreendeu a América.

A Cavalcanti não faltaram os meios técnicos. Revendo "Luzes da cidade" é fácil pensar que a técnica conta relativamente. Necessários à vida do cinema são os artezaos. Sobretudo quando falta uma verdadeira indústria como é a da América do Norte. A vitalidade, a força do cinema europeu firma-se nestes homens. Criam películas decorosas, polémicas sempre interessantes, assegurando aquele filme médio tão necessário para a emancipação do gosto do espectador; enriquecem a história dos costumes; fazem viver o cinema. Estes diretores baseam-se no fato, não perdem o fio da história; as imagens têm talvez uma linguagem anônima, exclusivamente mecânica; não lentidão mas ritmo constante; os atores desempenham bem, usam o material plástico esplendidamente. "Juventude perdida", de Germi e "Scarface" de Hawks, são dois ótimos exemplos de artesanato.

Encontra-se nestes diretores, uma coragem insólita e uma atenção inusitada pelos problemas de hoje. São observadores escrupulosos, repórteres cinematográficos que fazem crônica, não poesia, fugindo aos vícios literários. Documentam o tempo que passa: a guerra, os gangsters, a maffia, os manicômios; aspectos crus, desoladores, da humanidade. O cinema brasileiro necessita artezaos. Mas não daqueles rapazes que acreditam ser suficiente girar muita película pelas ruas para fazer um filme realista.

FRANCESCO BIAGI



Sergio Cardoso, definido no início um novo Talma, muito inteligentemente não acreditou neste apelido e começou a trabalhar com uma seriedade que mesmo poucos entre os jovens têm em nosso teatro

Musica

Angelicum

No campo da música acontecem hoje em dia fenômenos interessantes e sobretudo vivos, como o do "Angelicum" de Milão que veio ao Brasil por toda uma temporada. Partiu a orquestra, partiram os onze cantores, escolhendo a via aérea para viajar. No quadrimotor tomaram ainda lugar o Padre Enrico Zucca, guardião do convento dos frades franciscanos em Milão e o Padre Alberto Parini. Falava-se há tempo desta viagem; mas podia ser apenas um dos tantos projetos do Padre Zucca. Ele já havia estado no Brasil e tinha-nos falado do seu amor pela música clássica italiana, que julga por várias razões mais espiritual que a moderna: se não por outro motivo, a idade tornou-a espiritual. Além de "Bastien e Bastienne" de Mozart, assistimos também às representações do "Fratello innamorato" de Pergolesi, do "Matrimonio segreto" de Cimarosa e de uma encenação de "Serenata a tre" de Vivaldi, e ouvimos músicas de Corelli, Vivaldi, Tartini, Scarlatti, etc., e de muitos autores contemporâneos. Financiou o governo uma excursão musical tão importante não só do ponto de vista artístico? Apoia com todo vigor esta iniciativa? Não sabemos. Estamos tentados a não acreditar. Imaginamos que as cousas tenham andado do seguinte modo: o Padre Zucca esteve no Brasil e teve, fóra de dúvida, muitos colóquios com os funcionários do Rio, São Paulo, etc. Não se falou exclusivamente de cousas franciscanas e de religião; também se falou de arte e música. Os franciscanos ficaram ouvindo e entendendo. Era preciso dinheiro; eles o obtiveram ou vão obter. Do resto, a empresa, se não é tal de conseguir sucesso financeiro, com cer-

teza vai concluir com um equilíbrio razoável ou com um prejuízo não muito grave. Rossini, Cimarosa, Vivaldi, Mozart nunca levaram ninguém à ruína.

O fato é, com o quadrimotor partiram uma cinquentena de pessoas, que no programa do "Angelicum" não consta música de bilheteria e que aquelas 50 pessoas devem viver por dois meses com os proveitos da música espiritual. O Padre Zucca nunca será ministro da Instrução Pública nem Diretor Geral do Teatro. E' um frade; e para os frades, nos países católicos, está reservada apenas uma afetuosa complacência nas repartições públicas; sem contar as proibições da ordem. Mas o Padre Zucca tem o intuito que os funcionários, superintendentes, empresários — jamais compreenderão: a Itália tem um imenso patrimônio de arte, quase desconhecido de todos ou semi-desconhecido, que pode ser divulgado no estrangeiro sem necessidade de se recorrer às subvenções.

Que homem de negócios teria financiado a exposição do Caravaggio com esperança de lucro? E no entanto, há meses já, que a multidão faz filas mais longas diante da mostra do Caravaggio que das bilheterias de cinema. A verdade é que para certos negócios, para ver um pouco adiante do próprio nariz, para ter em mira os interesses coletivos e nacionais sem excluir os do indivíduo, é bom ignorar tudo sobre a Bolsa, mercado, ações, obrigações, e não é mesmo mal não possuir aquela experiência da vida que não raro conduz ao hábito, debilita a imaginação, torna míope, dispõe ao ceticismo. A fé é também largueza de visão da qual vem a coragem.

L'E.